

EDUCAÇÃO SEXUAL COMO PARTE CURRICULAR DA DISCIPLINA DE BIOLOGIA E AUXÍLIO A ADOLESCENTES: DIFICULDADES E DESAFIOS

**(Sex education as part of the curriculum of biology discipline and as an aid to adolescents:
problems and challenges)**

Welson Barbosa Santos [wwsantosw@yahoo.com.br]

Rone Cardoso [ronecard@yahoo.com.br]

Juliano da Silva Martins de Almeida [Juliano.feq@gmail.com]

Fernanda Arantes Moreira [nanda_arantes@yahoo.com.br]

Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Avenida João Naves de Ávila, S/N, Santa Monica, Uberlândia, MG

Resumo

Esta pesquisa investigou a compreensão de professores de Biologia referente às possibilidades e/ou dificuldades que enfrentam no desenvolvimento da Educação Sexual e pressupõe que a abordagem exclusivamente anatômico-fisiológica desse tema não atende aos desafios do nosso tempo. O trabalho defende a abordagem dialogada e crítica, referenciada em Paulo Freire como opção para superação de tais dificuldades. Para perceber os pontos de vista dos professores a respeito das condições que favoreçam uma abordagem dialogada do assunto foi utilizada um Grupo Focal do qual participaram seis professores. Dentre outros, os dados revelam que os docentes procuram desenvolver uma Educação Sexual baseada no diálogo com os adolescentes, entretanto, essa prática apresenta como desafio de superação de uma formação inicial limitada ao domínio da área específica e o despreparo e desinformação dos alunos.

Palavras chave: educação sexual; ensino de Biologia; educação dialogada.

Abstract

This research investigated the understanding of biology teachers regarding the possibilities and difficulties facing the development of sexual education and assumes that only the anatomical-physiological approach to this subject does not meet the challenges of our time. The work supports the approach through dialogue and critique, referenced in Paulo Freire, as an option for overcoming such difficulties. To understand the views of teachers about the conditions that favor approaching the issue through dialogue was used a Focus Group which was attended by six teachers. Among others findings, the data reveal that teachers seek to develop a sex education based on dialogue with teens, however, this practice presents a challenge to overcome an initial formation limited to the specific domain area and the lack of students preparation and misinformation.

Keywords: sex education; biology teaching; dialogic education.

Introdução

O que será apresentado neste texto refere-se a uma discussão que buscou compreender as dificuldades e desafios de professores de biologia de Ensino Médio que desenvolvem Educação Sexual para adolescentes. A proposta foi, referenciada na observação de que as discussões das questões sexuais apresentam-se muito distante das necessidades dos alunos púberes por ser limitado ao âmbito anatômico-fisiológico, prescritivo e preventivo, apontar limitações e desafios desse ensino.

A princípio entende-se que a interpretação descritiva e prescritiva, presente na abordagem escolar dos temas sexuais é, por nós, considerada como insuficiente e inapropriada para dar conta do emaranhado de dúvidas, curiosidades e questionamentos dos adolescentes que procuram

compreender as manifestações de uma sexualidade aflorada e própria da idade. Nosso desafio foi o de evidenciar o modo como professores/as de Biologia percebem as possibilidades e dificuldades de um trabalho pedagógico em Educação Sexual, fundado na pedagogia do diálogo, inspirada em Paulo Freire.

Na busca por compreender a realidade do desafio docente nessa área, fica perceptível, referenciado em Louro (1997) e Tardif (2002), que as questões culturais estão na escola de muitas formas e o professor, devido à condição histórica de sua existência, saberes, formação e conceitos (e preconceitos), e por ser sujeito histórico-cultural e integrante ativo desse espaço, torna-se um dos grandes veículos de disseminação de tais valores. Essas questões culturais são capazes de influenciar a prática docente em geral e podem, dentre outros, limitarem as discussões das temáticas sexuais na escola.

Mas, há no nosso tempo a consciência de que, o/a educador/a ao abordar as temáticas sexuais em sala de aula, deve assumir uma postura de rompimento em relação a hábitos restritivos e dificultadores desse debate. Pois, é nesse local de convivência que se pode achar o diálogo promotor do conhecimento de si e do outro/a, a partir das próprias emoções e valores. É no conviver com o aluno/a que o educador/a o/a reconhece e dá a ele/a possibilidade de se revelar como indivíduo/a de conhecimento histórico e a discussão das temáticas sexuais com adolescentes carecem dessa liberdade de diálogo.

O diálogo como proposta a educadores de biologia que ensinam Educação Sexual para adolescentes

A postura dialógica em todo o processo do aprender e do ensinar, inclusive na Educação Sexual é indispensável. Para Freire (1990) o dialogo em si é importante porque:

Trata-se de uma atitude dialogal à qual os coordenadores devem converter-se para que façam realmente educação e não domesticação. Precisamente porque, sendo o diálogo uma relação eu-tu, é necessariamente uma relação de dois sujeitos. Toda vez que se converte o tu desta relação em mero objeto, ter-se-á pervertido e já não se estará educando, mas deformando. (p.78 e 79)

O professor/a, por profissão, é levado/a ao encontro com o outro/a, pois o seu ofício acontece na interação dos seres humanos, na relação com o educando/a, no encontro de subjetividades: a do professor/a e do aluno/a. Para Freire (1990), possibilitar aos sujeitos a conquista de sua subjetividade é ato de amor necessário que precisa ser vivido em sua plenitude, na sua existencição. Segundo o autor, a escola como parte desse universo social do/a aluno/a deve exercer seu papel como ato de coragem. Não pode temer o debate, “A análise da realidade não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1990, p. 104). O processo educativo deve, então, ser essencialmente dialógico para possibilitar, no caso da Educação Sexual escolar, rompimento de vícios culturais presente nessa prática e viabilize que os/as adolescentes descubra quem são.

O desafio educativo é de viabilizar ao adolescente um melhor conhecimento de si mesmo, estabelecer uma Educação Sexual destinada a eles que respeite sua autonomia e identidade, reconheça sua forma de ver e entender o mundo, e isso é possível quando o desafio é social e político (NUNES E SILVA, 2000). O seu enfrentamento exige, pois, uma comunidade educacional que compreenda que as questões ligadas à sexualidade têm significados históricos, obscurecidos por mitos e falsos princípios, que influencia nos conceitos ainda em vigor e carecem de rompimento.

O ensino dialógico como opção para tratar questão da sexualidade com adolescentes na escola é importante também porque muitas dúvidas apresentadas por eles/as, suas curiosidades ou incertezas, implicam na compreensão da multiplicidade de aspectos envolvidos na educação do

humano; no entendimento de que educar é um processo que não separa os aspectos afetivos, sociais e culturais, e dentre eles estão os sexuais. Então, ao descrever o ensino dialógico como forma adequada de discutir a Educação Sexual, consideramos ser importante também caracterizar a adolescência como fase de vida em que as maiores preocupações, riscos e manifestações das questões sexuais afloram-se, e também, como período em que a forma de abordagem dialógica seria bem aceita e útil a esse processo.

A adolescência pode ser compreendida como fase evolutiva do desenvolvimento humano e de fortes influências pelo momento histórico em que ocorre. Definida pela Organização Mundial da Saúde - O. M. S. (1975), como a transição entre o surgimento das características sexuais e a maturidade sexual, a adolescência representa o período em que os processos psicológicos individuais e, as formas de identificação evoluem do infantil para o adulto; sendo, também, apontada como fase de qualificação profissional.

Embora o início da adolescência seja facilmente perceptível devido às mudanças físicas ocorridas na puberdade, Calligaris (2000), comenta que as dificuldades comuns a essa fase não são desencadeadas meramente pelas transformações corporais. Assim, não podem ser entendidas como exclusivas manifestações de mudanças hormonais. Antes, há de se considerar outros fatores como as contingências sociais, culturais, afetivas que lhe imprimem uma característica *sui generis*.

Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa (Calligaris, 2000, p. 18).

Paredes, Oliveira & Coutinho (2006), em seus trabalhos sobre educação e adolescência, afirmam que essa fase é marcada por transformações diversas, período de experimentação, abertura social e iniciação sexual. Como fase, acaba por ser também período de riscos a doenças sexualmente transmissíveis como AIDS, hepatite, herpes, entre outras, de vulnerabilidade a gravidez e fase em que a sexualidade se torna evidenciada. O desejo sexual na puberdade torna-se aflorado e consciente e, aos poucos, ocorre percepção da concorrência com os adultos, tanto na sedução quanto no enfrentamento, podendo tornar o transitar entre infância e vida adulta num processo bem conturbado.

Autores como Damatta (1997), Castro, Abramovay e Silva (2004), e Calligaris (2000), afirmam que lidar com as transformações, compreendê-las e aceitá-las é processo nem sempre tranquilo para o púbere. As comprovações dessas dificuldades são confirmadas no elevado número de suicídio registrado nas últimas décadas, ocorridos nessa faixa etária e descritos nos relatórios e orientações da O. M. S. (1965, 1975, 2000 e 2006). A questão do suicídio na adolescência tem sido considerada na atualidade como problema social sério a ser enfrentado. Então, certamente, ter na escola um trabalho educativo que possa auxiliar adolescentes nesse processo de mudanças é importante.

Nas últimas décadas, estudos como os relatórios da O. M. S. e os trabalhos de Paredes, Oliveira e Coutinho (2006), Louro (2000), Castro, Abramovay e Silva (2004) e Calligaris (2000) mostram a importância do entendimento e interpretação da adolescência. Neles, busca-se evidenciar a adolescência como uma fase complexa por envolver aspectos psicológicos, sociais, culturais, profissionais e biológicos, incluindo as mudanças físicas. Tais estudos auxiliam professores/as na compreensão da adolescência, possibilitam a ampliação de discussões que objetivam enriquecer, contribuir e auxiliá-los/as nas respostas aos seus questionamentos e a viabilização de melhores relações com eles/as.

No que se refere aos aspectos sociais, na adolescência ocorre a passagem do estado de total dependência socioeconômica ao estado de relativa independência marcada por cobranças voltadas a

um comportamento diferente do infantil até então apresentado. No âmbito da psicologia, o/a adolescente vive nesse período, conflitos emocionais citados por Aberastury e Knobel (1981), como luto, representado por perda e dor no sentido psicanalítico e, delimitado por um estado emocional de transição causado pela saída da infância e o fim da condição protegida vivenciada no seio familiar.

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Quando o adolescente se inclui no mundo com este corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade, e precisa então adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo. [...] mover-se-á entre o impulso ao desprendimento e a defesa que impõe o temor à perda do conhecido é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social. (Aberastury e Knobel, 1981, p. 13).

Em relação aos aspectos biológicos, segundo Becker (1989), nos/as adolescentes a ação hormonal é intensificada e o corpo adquire forma “adulta”, tornando-se adequado para procriação. Nas meninas, o desenvolvimento é marcado pelo crescimento dos seios, pêlos pubianos, a menarca, dentre outros. Nos meninos, os testículos crescem, pode ocorrer o aumento dos mamilos, surgem pêlos nas regiões genitais e axilas, barba, acréscimo da massa muscular, há o aumento do tamanho do pênis e inicia-se a produção de espermatozoides. Conforme estudos sobre adolescência desenvolvidos por Herculano-Houzel (2005), as estruturas cerebrais como o sistema de recompensa também mudam nessa fase da vida. Responsáveis no cérebro por sentir prazer e bem-estar diante de ações prazerosas, as mudanças nessas estruturas acabam por alterar o humor e o comportamento desses sujeitos.

O cérebro adolescente é fundamentalmente diferente tanto do cérebro infantil quanto do adulto, e que essas diferenças em várias regiões do cérebro podem explicar as mudanças de comportamento típicas dos adolescentes [...]. Como resultado surge “uma súbita incapacidade de estímulos outrora interessantes de causar ativação suficiente do sistema de recompensa” (Herculano-Houzel, 2005, p. 12 e 100).

As mudanças físicas, neurológicas e comportamentais, que se observam na adolescência, têm importância para a Educação Sexual e as questões que tais mudanças suscitam neles/as, são desencadeadas em um corpo físico que é estudado pelos conteúdos da disciplina Biologia. Sendo assim, os professores/as desse conteúdo podem abrir o diálogo sobre tais questões, iniciando uma discussão própria de Educação Sexual contextualizada e crítica, voltada para o/a púbere no Ensino Médio.

A Biologia está presente no programa da escola com a função de discutir a vida e suas diferentes formas de manifestação e, junto com outras áreas como filosofia e a sociologia, encaminham as relações estabelecidas entre o vivo e seu meio. De forma mais ampla, para Kuenzer (2005, p. 177), a Biologia ainda pode ser entendida como disciplina cujo papel é o de “colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e integrante do universo.”

O ensino do conteúdo de Biologia, em muitos casos, ainda carrega consigo hábitos culturais obsoletos e esse fato o limita de ser mais efetivo. De modo geral, e sob orientação positivista, as aulas ainda permanecem restritas às definições científicas, nomenclaturas biológicas, à fisiologia dos órgãos. Muitos quando abordam, por exemplo, os temas da reprodução humana, dado o despreparo, raramente, abrem espaço para as dúvidas específicas e particulares dos alunos/as, ou mesmo, quando tais espaços existem, insistem nas descrições fisiológicas, como respostas gerais e possíveis.

No que se refere ao desafio da articulação entre a disciplina Biologia e a Educação Sexual, segundo Louro (1997), Weeks (1999) e Castro, Abramovay e Silva (2004), o posicionamento geralmente assumido é prejudicial ou limitador, principalmente nos casos em que o enfoque dado seja restritamente preventivo ou prescritivo.

O debate contemporâneo a respeito da sexualidade na escola [...] reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, delegando a um único professor, o de ciências, o que consideram o “saber competente”. Em muitos casos, por tal orientação, o estudo do corpo é delegado ao campo da biologia, sendo que os professores das demais áreas se eximem de quaisquer responsabilidades no que concerne à educação sexual dos alunos (Castro, Abramovay & Silva, 2004, p. 38).

Mesmo apontados/as como responsáveis por um conteúdo que é trabalhado de modo restrito, os professores/as de ciências (no caso do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental) e os professores/as de Biologia que atuam no Ensino Médio, são os que normalmente abordam a Educação Sexual na escola. Embasadas nos levantamentos de 230 produções acadêmicas de pós-graduação desenvolvidas no Brasil até 2003, que tratam da formação dos professores/educadores para o trabalho com Educação Sexual nas escolas brasileiras, Silva (2004) afirma que orientar sexualmente alunos/as é tarefa complexa. Desafio difícil mesmo aos professores/as de Ciências e Biologia, chamados/as a assumirem esse trabalho em todas as suas dimensões, afirma a pesquisadora.

Nas pesquisas desenvolvidas por Cruz (2008) e Altman (2005) é possível encontrar afirmativas que confirmam ser a disciplina de Biologia próxima e possível de se adequar ao diálogo necessário à discussão de Educação Sexual escolar que defendemos nesse trabalho. As autoras entendem que o ensino da Biologia pode tornar-se um ensino crítico, especialmente nas discussões que envolvem as temáticas sexuais, desde que estabelecido de forma dialógica. Este pode ser um caminho a ser assumido pelo professor de Biologia sim, e, Cruz (2008), em seus estudos reforça essa possibilidade ao afirmar que a Educação Sexual presente na escola ainda apresenta “vícios” culturais, mas tem também se permitido discussões mais conscientes, críticas e humanizadas. Para a pesquisadora, a Educação Sexual desenvolvida na disciplina de Ciências e Biologia, embora ainda esteja bastante vinculada a um caráter informativo que enfatiza conceitos técnicos como reprodução, saúde, cuidados com o corpo e prevenção de doenças já mostra alguns sinais de mudanças também.

Existe uma convivência dessa visão e de uma atuação mais tradicional com reflexões e ações mais voltadas para a formação de pessoas mais autônomas, com maiores possibilidades de fazer escolhas conscientes e que certamente irão refletir em vivências de sexualidade mais conscientes e prazerosas (Cruz, 2008, p. 125).

Um ensino de Biologia capaz de atender as necessidades do/a adolescente de nosso tempo, dentro do campo das discussões de Educação Sexual, embora seja complexo, pode ser acessível e para isso é preciso que a restrita abordagem anatômico-fisiológica seja ampliada para outros campos de abordagens. Embasado no diálogo, o trabalho com essa temática deveria, segundo as autoras, recorrer constantemente a uma grande diversidade de ações heterogêneas, percepções que tragam conhecimentos biológicos, acrescidos de pontos de vista psicológicos e sociais.

As dificuldades relacionadas a temas como Educação Sexual, dentro do conteúdo de Biologia no contexto de sala de aula, remetem às discussões que são também relativas à compreensão do próprio processo de ensino.

O/a educador/a de Biologia que compreende o seu papel no processo educativo ao ser chamado/a a discutir conteúdos interdisciplinares como a Educação Sexual, pode conduzir sua discussão ajustada a essa nova realidade que configura a educação atual. Ser integrada, ser teórica, mas trazer uma práxis comprometida com o ser. Os educadores/as de Biologia podem conduzir o ensino fundamentando-se nas prerrogativas de uma formação voltada para a necessidade do

educando/a como ser em formação e se referenciar no saber do aluno/a. Para Altman (2005), a partir dessas discussões, o/a educador/a propicia diversas leituras, traz nos conceitos de corpo o significado daquilo que “mata e fere” para além do físico. Esse desafio será de mais fácil acesso se estabelecido de forma dialógica e crítica.

Dessa forma, o ensino do conteúdo de Biologia como atividade humana, consciente e intencional, pode deixar de existir na configuração como ele tem sido entendido, ou seja, restrito e distante da realidade dos/as adolescentes. Esse ensino pode contribuir para a formação, no sujeito, de valores que o tornem mais crítico, sensível e “humanizado”, mediada pelo diálogo contínuo, pelo respeito ao outro/a, à sua história e sensível às necessidades dos sujeitos envolvidos no processo. A prática do professor/a de Biologia que desenvolve o trabalho de Educação Sexual, se efetuada com ética, promove a vida, patrocina a liberdade do ser humano e serve como referência a outras gerações.

De forma geral, Freire (2006), já nos alertava que a melhora da qualidade da educação tem o preço de uma formação crítica e permanente dos educadores/as. Enfim, reforçamos junto com Silva (2004), Altman (2005) e Cruz (2008), que o educador/a de Biologia sozinho/a não deve assumir para si o papel de educador/a sexual e nem é capaz de plenamente suprir a carência da discussão desse tema na escola. Mas manter um diálogo que se estabelece nas primeiras lições sobre corpo humano, sua fisiologia, suas estruturas de modo a viabilizar com liberdade outras possíveis leituras que envolvem esse tema é um trabalho plenamente acessível ao educador/a de Biologia em seu ofício.

As questões da pesquisa deixam, pois, evidente o pressuposto do diálogo como uma alternativa para o trabalho pedagógico, bem como, a pressuposição de que a inserção da abordagem dialógica no ensino da Educação Sexual poderia encontrar dificuldades entre os professores de Biologia. O foco colocado na *perspectiva dos professores* conduziu o processo de investigação para uma abordagem qualitativa, desenvolvida por um olhar fenomenológico, ainda que não tenha sido possível conduzir o estudo na profundidade e amplitude que o rigor do método exige.

Os participantes foram considerados como sujeitos possuidores de um conhecimento prático e de representações, relativamente elaborados, que lhes servem de referência e os orientam em suas ações cotidianas. Isso, entretanto, não significou que tais sujeitos refletiriam criticamente sobre seus conhecimentos e representações de senso comum, relacionando-os à totalidade do contexto no qual estão inseridos. Almejamos, portanto, uma compreensão mais sistemática e totalizante da questão em foco. Ghedin e Franco (2008, p. 71), explicam que, em investigações assim conduzidas, os pesquisadores procuram elucidar o que está oculto, implícito ou não-aparente e que esta é uma tarefa que se realiza na e pela construção de um “olhar que quer ver sempre mais do que aquilo que lhe é dado ver”. O olhar, neste caso, é mais do que simplesmente aceitar passivamente as coisas, é descortinar e penetrar, pensar e interpretar para perceber e compreender o que se propôs. Isso porque o objeto não fala por si, devendo ser percebido, interpretado e, neste ato, criado e recriado. A preocupação maior esteve, portanto, na busca dos sentidos que, no caso, os professores de Biologia, dão às experiências vividas por eles próprios.

Utilizamos a técnica do Grupo Focal. Esse procedimento de pesquisa pode ser incorporado ao escopo metodológico das abordagens qualitativas, visto que revela o caráter subjetivo do fenômeno. Por essa técnica coletam-se os dados que emanam da discussão entre os participantes de um pequeno grupo convidado a debater um tema específico. A essência do Grupo Focal consiste exatamente na interação entre os participantes e entre o pesquisador e os participantes. O que o distingue o Grupo Focal de outras técnicas como a entrevista ou o questionário, é o fato de ele trabalhar com uma “fala” que não é meramente descritiva ou expositiva. Conforme explica Gatti, (2005, p. 13) essa é uma fala “a quente”, na qual a dinâmica da discussão e as trocas interindividuais interessam ao pesquisador.

Para compor o Grupo Focal, foram convidados seis professores de Biologia do Ensino Médio de escolas no Município de Uberaba/MG, cuidando-se para que houvesse suficiente variação no perfil dos participantes de modo a emergirem opiniões diferentes e/ou divergentes. O grupo ficou assim constituído: três sujeitos do sexo masculino e três do sexo feminino. Entre eles, dois são solteiros e quatro casados e, quanto à idade ficaram localizados na faixa etária entre 29 e 51 anos. A diversificação também foi observada no quesito experiência profissional. Os professores reúnem experiência mínima entre três e vinte e nove anos de docência.

O local para realização do Grupo Focal foi organizado com cadeiras e uma mesa formando um semicírculo para viabilizar a visualização de um telão onde parte de uma produção cinematográfica fora projetada. Trata-se de um pequeno trecho do filme “Pro dia nascer feliz¹”. A produção é um documentário baseado em entrevistas com adolescentes de 14 a 17 anos, ricos e pobres, que enfrentam dentro da escola situações como: a precariedade, o preconceito, a violência e a esperança. Com duração de 10 minutos, o trecho selecionado apresentou diálogos e situações que evidenciam alguns conflitos de alunos diante de questões relacionadas à sexualidade, especificamente o tema da homossexualidade. Para a condução do grupo, foi utilizado um roteiro semi estruturado (cf. Minayo, 1996). A autora considera que a partir de um roteiro previamente elaborado, os processos de investigação científica cumprem o papel de aprofundar questões e não deixar que um grupo de discussão, enquanto dialoga, perca o foco do trabalho proposto.

A formação inicial: um processo que se limita ao domínio de conhecimentos na área específica do curso.

A Educação Sexual escolar é entendida, neste trabalho, como prática educativa que considera indispensável os aspectos biológicos, psíquicos e sociais em sua discussão. Paredes, Oliveira e Coutinho (2004) e Castro, Abramovay e Silva (2004) também relevam a importância de se considerar esses aspectos ao abordar os conteúdos das temáticas sexuais. Ainda com base nos trabalhos de Freire (2003 e 2006) podemos sustentar que a Educação Sexual deve ser desenvolvida de modo dialogado para que os saberes de professores e estudantes ganhem espaço, valorização e trilhem por caminhos que extrapolam as abordagens restritamente biológicas, desembaracem preconceitos, alienações e desinformações.

Entretanto as consequências negativas de um processo formativo restrito ao domínio biológico contribuem para dificultar essa forma de abordagem. As deficiências ou insuficiências na formação docente para os temas sexuais são objetos da atenção de López (1990) e Silva (1998). Esses autores afirmam que o despreparo apresentado pelos professores diante das questões sexuais na escola pode ter origem na formação acadêmica inicial que recebem, onde a discussão sobre a temática é restrita. Essa constatação também foi evidenciada nas falas dos professores colaboradores desta pesquisa e apontada como fator que dificulta o trabalho docente. Eles assim se expressam.

Em termos de formação inicial, eu não tive nenhuma disciplina ou conteúdo relacionado à Educação Sexual. Fui descobrir as necessidades para o desenvolvimento desse tema, trabalhando com os alunos (S5)

Na minha graduação eu vi muito a parte da sexualidade técnica, fisiológica e anatômica, a Educação Sexual não foi trabalhada sobre outros aspectos. (S3).

¹ Filme brasileiro produzido por Flávio R. Tambellini. A produção original do filme ainda contou com João Jardim como roteirista, Gustavo Hadba na direção de fotografia, Dado Villa-Lobos nas músicas, Heron Alencar e Aluisio Compasso no som, Waldir Xavier na edição de som, Tom Paul na mixagem e Gabriela Weeks como diretora e produtora. Foi lançado em 2004.

Uma formação para a Educação Sexual restrita às dimensões anatômica e fisiológica tem tornado a prática educativa nessa área pouco eficiente para os jovens adolescentes. Os professores sabem disso. Eles reconheceram que a formação recebida fora incompleta, comprometendo a sua forma de lidar com as questões sexuais na escola e que precisam buscar alternativas para suprir as lacunas. Sobre essa questão eles assim afirmam:

Para trabalhar o tema na escola me referencio muito em leitura já que não tive formação na faculdade para isso. Hoje percebo que preciso desse saber para trabalhar (S4).

Depois de formado que eu fiz uma pós-graduação e tive uma disciplina específica de sexualidade, aí conheci os demais aspectos dessa discussão (S3).

Lopez (1990) mostra que muitas instituições desenvolvem em seus cursos de formação de professores/as de Biologia, currículos limitados ao domínio da área específica, sem que as dimensões pedagógicas, humanista e crítica possam se integrar ao processo de formação. Essa situação contribui para o exercício de um ensino descritivo que, embora possa estar bem assentado sobre as bases teóricas que explicam as mudanças físicas, hormonais e fisiológicas comuns ao corpo adolescente, carece de uma discussão que favoreça a compreensão da abrangência da sexualidade humana, que alcança a esfera do psicológico, do social, do político, do cultural, além do domínio biológico. O desconhecimento ou a desconsideração de uma dessas dimensões contribuirá, sem dúvida, para que a prática docente seja ineficiente diante do desafio de formação do sujeito púbere.

Enfim, as conversas entre os professores que participaram do grupo focal nesta pesquisa, reforçam nossa compreensão de que a adoção de uma prática pedagógica dialogada para a Educação Sexual na escola, capaz de promover a compreensão e o respeito à pessoa humana, na sua diversidade, não pode prescindir de processos de formação, inicial e continuada, sustentados numa visão ampliada da sexualidade humana. Logo, foi possível perceber que algumas das dificuldades enfrentadas pelos professores/as de Biologia, no estabelecimento da Educação Sexual dialogada, podem estar relacionadas à ausência de discussão crítica desse tema nos processos de formação inicial e continuada.

O despreparo e a desinformação do aluno: obstáculos a serem vencidos pelo/a professor/a na Educação Sexual dialogada

Questões como reduzir o elevado número de adolescentes grávidas e ou contaminados/as pela AIDS no Brasil são para Castro, Abramovay e Silva (2004), desafios a serem vencidos no nosso tempo. Assuntos ainda mais graves como a depressão e o crescente suicídio entre púberes também vêm sendo tema de estudos e levantamentos. A OMS, desde 1965, periodicamente, alerta a sociedade quanto a essa problemática social.

Essa situação constituiu-se como tema de discussão entre os professores/as que participaram desta pesquisa. Entretanto, mais do que interessados em simplesmente discutir a respeito das medidas tomadas referente à informação e divulgação nacional, os/as professores/as se apresentaram preocupados/as com as dificuldades, o despreparo e a desinformação do/a aluno/a no enfrentamento de suas dificuldades enquanto sujeito em formação. Os/as educadores/as relataram que:

Os alunos têm acesso às nossas informações, mas não conseguem transferir aquela informação em atitudes no momento certo. Percebemos que eles não conseguem usar as informações adequadamente (S2).

Embora o trabalho de Educação Sexual com eles seja tranquilo, ouvem, mas na hora de colocar em prática, às vezes, ficam com vergonha ou tem dificuldade (S1).

Para os professores/as, colaboradores/as desse trabalho, o despreparo do/a aluno/a no reconhecer e lidar com as questões sexuais contribui para o aumento dos problemas citados. Os/as educadores/as assim descrevem:

Fala-se sobre sexo com eles um ano e quando é no outro ano, você fala: eu não acredito que ela está grávida! Eu não acredito que aconteceu isso de um ano para o outro! Tinha todas as informações necessárias para não deixar isso acontecer (S4).

Em um ano tive uma turma com 18 alunas em licença maternidade e mais outras grávidas em turmas diferentes. Aquilo me assustou e despertou para assumir um trabalho voltado para esse problema (S3).

A urgência e a necessidade de a escola discutir temáticas sexuais e os conflitos que tais questões desencadeiam aparecem na fala dos sujeitos que participaram desse trabalho e encontram referência nos dados citados em documentos da OMS. Em 1965, 1975, 2000 e 2006 os relatórios desta entidade divulgaram espantosos índices de suicídio entre menores apontados como consequência de depressão ou dificuldade social de ajuste as questões sexuais. Esses assuntos foram abordados também pelos/as professores/as e permitem reforçar que eles tem se manifestado em sala de aula, no contato educador/a e aluno/a e o diálogo apresenta-se como uma possibilidade de enfrentamento e auxílio à questão. A esse respeito, o educador assim afirmou:

Nós tivemos um caso na escola e numa dessas conversas, que chamo de brincadeiras de bate papo, uma menina foi franca em falar que havia tentado suicídio (S5).

Um de meus alunos ano passado se matou e deixou um recado para os pais dizendo que se fez isso porque não conseguiu ser o que os pais esperavam dele (S4)

Percebo que os/as professores/as têm refletido sobre o significado da liberdade de diálogo na Educação Sexual como fator indispensável para que consigam nessas conversas atender às necessidades do/a aluno/a de nosso tempo. Mas, os desafios e carência de enfrentamento de tais questões não são restritas ao educador/a. O aluno/a devido à timidez, limitado entendimento e constrangimento, apresenta também dificuldades em expressar suas necessidades e limitações e os professores/as confirmaram tais atitudes em seus discursos.

Calligaris (2000) justifica essa dificuldade do/a púbere ao afirmar que a adolescência, uma sofrida fase de privação ou busca por independência, é período transitório, novo, repleto de mudanças e cuja duração é misteriosa. Então, em meio a tantos conflitos, externar sentimentos, dúvidas, preocupações numa discussão de grupo é desafio complexo. Herculano-Houzel (2005), ainda descreve que o comportamento de dúvida, medo, variações bruscas de humor, ou mesmo de intrepidez do adolescente é fruto de mudanças sofridas no seu aparelho cerebral, ajuste comum a essa fase de vida. Entendemos então, que tais transformações justificam a timidez e dificuldade de diálogo do/a adolescente e apresentam-se como mais um desafio a ser enfrentado pelo/a educador/a como auxiliador/a que visa contribuir para um melhor adolescer.

Nesse intuito, a prática educativa crítica e pronta a dialogar e orientar sempre, independente de credo, preceitos morais, política ou espaço em que ela ocorra é um caminho a ser considerado. Freire (2002), afirma que os/as professores/as, nessas condições, devem considerar as dificuldades, tomá-las como um problema e exercer uma “volta crítica” sobre a questão.

Sabemos, contudo, que o diálogo educativo não é, em si, garantia de redução de índice de DST, gravidez, redução de suicídio, nem superação de dificuldades específicas do adolescente, mas acreditamos que quando realizado com liberdade, promove conscientização mais eficiente. A questão é que, no diálogo franco e aberto, as informações interessam mais, porque, certamente, dirão respeito a questões do cotidiano, questões que incomodam verdadeiramente.

Sendo assim, o trabalho docente embasado no diálogo educativo ético e estético oferece condições adequadas para que púberes, entre seus pares, expressem-se, lidem com suas diferenças e

entendam melhor suas mudanças físicas, emocional e social. Nesse sentido, Freire, (2006), orienta que o ensino atinge essa condição quando é estabelecido de forma dialogada, respeitando o/a aluno/a e seu saber. Os professores/as percebem a necessidade desse processo educativo capaz de contribuir na formação de gerações mais conscientes e um deles assim relatou:

Se a gente for reprimir algumas atitudes na Educação Sexual, eu acho que nunca mais voltam a falar no assunto, então, tem que ter diálogo. O diálogo é o caminho para que a timidez, a vergonha e os tabus sejam vencidos e superados (S4).

Observei nas falas dos/as educadores/as que participaram desse trabalho, que o diálogo é recurso usado na discussão dos temas sexuais. Mas, Castro, Abramovay e Silva (2004), afirmam que iniciativas destinadas à conscientização sobre cuidados e prevenção dedicada a púberes, têm ainda alcançado resultados limitados. Sayão (1997), ainda acrescenta que de acordo com o caminho traçado para se trabalhar tais questões na escola ou na sociedade, à ação pode viabilizar deturpações e ou resultados nefastos.

Embora as questões sexuais estejam no nosso tempo, segundo Altman (2005), como assunto comumente tratado de forma aberta e direta na mídia, ainda assim o debate apresenta-se insuficiente e a escola vem sendo chamada a discutir e completar esse processo. Nesse sentido, os/as professores/as ao falarem das campanhas de conscientização realizada dentro e fora da escola alegam que:

Em relação aos alunos, por mais que a gente veja nos meios de comunicação as orientações sobre camisinha e doença sexualmente transmissível, enganamo-nos ao achar que a informação alcança o alvo. Na sala de aula comprovamos realmente que os alunos ainda precisam conhecer melhor prevenção de doenças e gravidez precoce (S1).

O que percebo é que não falta informação ao aluno, falta atitude, colocar as informações na prática. Eles têm informação, parece faltar algo que os mobilize a utilizá-las em suas vidas (S2).

Penso que a discussão das questões sexuais fora da escola nos nossos dias, tem servido para despertar a curiosidade do/a adolescente sobre o tema e estimulado a entrada dessa discussão na sala de aula, forçando nesse espaço, um debate. Nesse sentido, os professores/as afirmaram notar a baixa eficiência das campanhas midiáticas referente à conscientização sobre gravidez entre menores de idade, contaminação pela AIDS e suicídios na adolescência. Eles/as sinalizaram a necessidade de se trabalhar o assunto, a urgência de se assumir uma postura comprometida com a amenização de tais questões e que para, isso é preciso, auxiliar o/a aluno/a na superação de suas dificuldades de diálogo e liberdade de expressão e o/a professor/a para isso precisa viabilizar espaços para que tudo ocorra espontaneamente.

Considerações Finais

Não se pode perder de vista que neste estudo as afirmações, revelações e reflexões feitas estão referenciadas na particularidade de um pequeno grupo de professores e não há pretensão de que sejam, sem mais, generalizadas para outros contextos. Entretanto, não há dúvida de que as situações evidenciadas podem ser tomadas como ilustrativas da realidade do ensino de Educação Sexual, desenvolvido no âmbito da disciplina de Biologia, no Ensino Médio.

Podemos considerar que os professores de Biologia julgam importante desenvolver, com adolescentes, uma Educação Sexual fundada no diálogo franco, aberto e ético. Constatamos que uma abordagem dialogada da sexualidade humana, fundada numa ampla compreensão científica do desenvolvimento físico, social e psicológico do adolescente é considerada pelos docentes que participaram desta pesquisa como necessária para a constituição de sujeitos que se respeitam independentemente das diferentes manifestações e concepções sexuais que apresentem. Eles

também entendem que esta forma de trabalhar os temas da Educação Sexual seja eficiente e ressaltam a responsabilidade e o compromisso do professor de Biologia em atender a necessidade do adolescente referente a temas ligados à sexualidade, reprodução, métodos anticoncepcionais, DST/AIDS, suicídio entre púberes, dentre outros. Para eles é fundamental que o trabalho em sala de aula possa contribuir para a superação da abordagem estritamente anatômica e fisiológica, que reduz as questões da Educação Sexual aos ensinamentos sobre os conceitos de assepsia do corpo, controle e prevenção de doenças.

Entretanto, tais docentes encontram muitas dificuldades quando se propõem a discutir questões sexuais com adolescentes. Conforme pudemos constatar, eles relacionam boa parte de suas dificuldades ao processo de formação inicial. Sabemos que, de maneira geral, os cursos que preparam professores para o magistério nas diferentes áreas do conhecimento carecem ainda de se consolidarem numa perspectiva de formação pedagógica que oriente os futuros profissionais do ensino para o exercício pleno da docência.

No caso de uma preparação para o trabalho específico em Educação Sexual, os cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, não conseguem capacitar o professor para o desenvolvimento de um trabalho mais apropriado ao público adolescente e aos temas da Educação Sexual. Uma formação para a Educação Sexual restrita às dimensões anatômica e fisiológica tem tornado a prática educativa nessa área pouco eficiente para os adolescentes. Observamos, nesta pesquisa, que os professores sabem disso. Eles reconhecem que a formação que receberam fora incompleta, comprometendo a sua forma de lidar com as questões sexuais na escola e que precisam buscar alternativas para suprir as lacunas. A busca pela continuidade de uma formação qualificada e comprometida com a discussão crítica e ética nesse campo esteve bastante presente na fala dos nossos sujeitos.

Enfim, as dificuldades que os/as professores/as encontram no desenvolvimento de seu trabalho pedagógico tornam a perspectiva de um ensino relacional uma tarefa difícil de ser cumprida. Mas o que parece ser mais relevante neste momento é saber que apesar das dificuldades os docentes que participaram deste estudo não deixam de enfrentá-las e, como num desafio, assumem a responsabilidade de uma Educação Sexual no contexto de suas aulas, indicando com isso, que compreendem bem a importância de um ensino crítico e ético no desenvolvimento dos temas da Educação Sexual com adolescentes.

Referências

- Aberastury, A., Knobel, M. (1981). *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Altmann, H. (2005). *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. Tese (doutorado) - Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO
- Acesso em 25 jun., 2010, http://www.unesco.org.br/publicacoes/livros/juvsexualidade/mostra_documento.
- Cruz, I. S. (2008). *Educação Sexual e Ensino de Ciências: dilemas enfrentados por docentes do ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado) – Feira de Santana: Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia.
- Damatta, R. (1997). Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina, In: Dário, C. *Homens*. (pp. 51- 91) São Paulo: Editora SENAC.
- Freire, P. (1990) *Educação e mudança*, 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2002) *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Freire, P. (2003) *Educação como prática da liberdade*, 27ª. Ed. São Paulo. Ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (2006) *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.
- Gatti, B. A. (2005) *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Ghedin, E. & Franco, M.A.S. (2008). *Questão de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez.
- Herculano-Houzel, S. (2005). *O Cérebro em Transformação*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kuenzer, A. Z. (2005). *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*, 4ª ed. São Paulo: Cortez.
- López, M. M. (2002). La integración escolar, outra cultura. In: Torres González, J. A. *Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas*. (pp. 127-188). Porto Alegre: Artmed.
- Louro, G. L.(1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L.(2000). Sexualidade: lições de casa. In: Meyer, D. E. E. *Saúde e sexualidade na escola* (pp. 85- 96). 2ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- Minayo, M. C. de S.(1996). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*, 6ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Nunes, C. A. & Silva, E. (2000). *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados.
- Organización Mundial De La Salud.(1965). *Problemas de salud de la adolescencia: informe de un Comité de Expertos de la OMS*, Genebra.
- Organización Mundial De La Salud. *Reunión sobre el embarazo y el aborto em la adolescencia*, Genebra, 1975.
- Organización Mundial De La Salud. *Prevenção do suicídio: Manual para Professores e educadores*, Genebra, 2000.
- Organización Mundial De La Salud. *Prevenção do Suicídio: um recurso para conselheiros*, Genebra, 2006.
- Paredes, E. C.; Oliveria, R. A. & Coutinho, M. M. T. (2006). *Sexualidade: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT (Educação e Psicologia).
- Sayão, R.(1997). Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: Aquino, J. G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas* (pp. 107-118), São Paulo: Summus.
- Silva, C. R.(1998). *Experiências Puberais e Sexualidade Feminina: subsídios para a educação sexual*. Dissertação (Mestrado) – PUCRS: Porto Alegre.
- Silva, R. C. P.(2004). *Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação – Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Weeks, J. (1999). O corpo e a sexualidade. In: Louro, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (pp. 83-111). Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido em: 18.10.10

Aceito em: 07.04.11